

Pinturas no XI Salão Paulista

Com secções de pintura, escultura, arte decorativa e arquitetura, está-se realizando na Galeria Prestes Maia, o 11o Salão Paulista de Arte Moderna, subindo a mais de duzentas e cinquenta peças os trabalhos expostos.

Inicialmente, para encaminhar os interessados em artes visuais á exposição anual paulista, diremos que a pintura, se não comparece em sua força total, pois faltam muitos artistas, oferece uma variedade muito grande de tendências, o que se reflete também nas artes do desenho, com uma exemplificação numerosa. Naturalmente, para o estudo dos aspectos qualitativos, não poderemos de imediato passar á citação de cada artista, com referência aos trabalhos que cada qual expõe.

Generalizadamente, é a pintura que melhor se apresenta, não obstante as restrições de toda ordem que possam ser feitas — de um extremo a outro teríamos de destacar o que nos pareceu dos melhores trabalhos ali apresentados, a tela "Pintura "L", de Fukushima, com a sua volutuosa e crispante nota dominadora em negro, para citar também o quadro que não deveria ser exposto de tão ruim se apresenta entre as variedades da pessima pintura colocada neste Salão; o "Abstrato" de Raphael Galvez, de uma pobreza de meios e de tudo que nega a pintura de uma forma alucinante. Não vamos falar dos meios termos — a coleção de pintura no 11o Salão compreende 129 trabalhos, que não atinge o nível medio em sua maioria.

Insistimos, porém, em que a pintura ainda é o melhor deste Salão pela presença de artistas bem conhecidos e destacados, como Aldo Bonadei, que comparece com três trabalhos recentes; Arcangelo Iannelli, em seu despojamento; uma tela de Tomie Ohtake; três dissoluções frementes de Sanson Flexor; as estruturas de Lazzarini; os trabalhos de Leopoldo Raimo numa fase modificadora, embora mantendo suas qualidades atmosféricas.

Não citamos todos os que merecem maior exame, mas sumariamos alguns dados de interesse vivo, que no meio de tantos merecem uma certa atenção.

Nas artes do desenho, Braz Dias, Darcy Penteadó, e principalmente dois desenhos de Gisela Eichbaum, marcam um ponto alto. A gravura não oferece maiores oportunidades desta vez, a não ser na notável qualidade técnica de Roberto De Lamonica, seguido pelas azuis tentativas de Nilson Seoane, no tema da "Ode marítima". Ainda em desenho, mencionemos a severidade das "Casas", nos 223 e 224, de Odila Mestriner, numa continuidade bem desenvolvida de seu temario e de sua técnica.

Geraldo Ferraz